

[Robson Sávio Reis Souza](#)ENTREVISTADOR: Então nós estamos hoje é dia 05 de junho de 2017, não é isso? São duas horas e trinta minutos, 14:30. Nós estamos aqui nessa bela cidade de Januária, no norte de Minas Gerais, na cada do Senhor Antônio Inácio Correia. Então Senhor Antônio fala um pouquinho, identifica para a gente. O nome do senhor é Antônio Inácio Correia, quantos anos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu estou com 77 anos vou completar 78 [\[anos\]](#) em setembro.

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: 78 [\[anos\]](#) em setembro.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: E nós vamos então fazer uma conversa com o senhor aqui para a Comissão da Verdade e queríamos saber em primeiro lugar se o senhor autoriza que toda essa conversa, essa gravação, esse material ele possa ser disponibilizado para que outras pessoas tenham contato, no presente e no futuro. O senhor autoriza?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Com certeza.

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: Não tem nenhuma problema?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não.

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: Então está certo. O senhor se identifica como qual profissão?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu sou lavrador não é?

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: O senhor é lavrador.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: (ininteligível). [Camponês.](#)

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: Então começa falando para a gente um pouco sobre atuação que o senhor teve ao longo da sua vida no movimento sindical? O quê que o senhor acha importante destacar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, mas foi, na época não é? Que eu entrei no sindicato.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Em que ano mais ou menos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi em 83.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: 1983.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, 1983.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Nessa época tinha muito problema da questão da terra não é?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Grilagem da terra, o trabalho escravo, a invasão das [reflorestadoras](#) (ininteligível), não é? E o ambiente para [gente quem quis](#) fazer [o](#) sindicato sem o apoio das autoridades. O sindicato era considerado como órgão não bem aceito não é? Pela sociedade na época. Então eles enfrentavam a tomada da terra pelos grileiros, as firmas e aí causou muita, causou muita, muito problema e foi muito difícil para a -gente trabalhar.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E onde -que isso aconteceu? O senhor tinha mais ou menos quantos anos e onde que isso aconteceu? O senhor começou essa entrada nos sindicatos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quando eu entrei no sindicato?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: É, o senhor tinha mais ou menos quantos anos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, -eu entrei foi em 83.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei. E foi em que cidade? Em que município?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aqui em Januária.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Aqui em Januária. Ahn?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu fui intimado pelo companheiro, presidente do sindicato [para](#) resolver uma pendência.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Comigo e outro companheiro. E nessa audiência, o presidente me conheceu e achou que eu estava certo. E estavam fazendo, fazendo intriga comigo. Mas eu

expliquei. Aí o presidente do sindicato, companheiro Noé Viana **quando** toma uma informação sobre minha pessoa não é? **Ele** já estava na época da eleição do sindicato. Aí ele me convidou para participar da diretoria. Pela conversa que ele teve comigo, ele achou que eu servia não é? Porque os outros diretores do sindicato não frequentavam o sindicato, não dava cobertura e **ledital** estava sozinho, enfrentando muita dificuldade. Houve uns problemas na região minha lá, **neem Buritys (ininteligível)** de Minas, próximo e ele me encarregou para resolver. Eu juntei alguns companheiros e resolvemos problemas lá. O que não pudemos resolver, encaminhamos para a justiça não é? Mas a gente tentou fazer acordo porque o juiz de paz naquele época que resolvia. O juiz de paz era político. Não conseguia resolver. Era tendencioso não é? O juiz de paz na época. E o nome do sindicato estava começando a despontar. Então foram mandando procurar o sindicato. E com a solução desse problema, um companheiro me chamou para fazer parte da diretoria. Que eu não tinha experiência, a princípio eu recusei. Ele falou que não, que tinha que ser eu mesmo porque ele gostou muito da minha posição não é? E aí ele falou que ia conseguir fazer uns cursos para mim adaptar mais no sindicato não é? Saber o que era sindicato. É, e aí eu já passei para dentro do sindicato, dentro da sede do sindicato e peguei bem mais problemas. Tinha muito. Todo dia, toda hora. Tinha muito problema da terra.

**Robson Souza**ENTREVISTADOR: O que por exemplo? Conflito?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Conflito de terra é. Conflito de terra não é? E já tinha, quando o sindicato começou despontar, já tinha muitos problemas assim e os **trabalhadores** já tinham perdido não é? Assinado documentos.

**Robson Souza**ENTREVISTADOR: Perdido para quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

**Robson Souza**ENTREVISTADOR: Perdeu a terra para quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Perdeu a terra para os grileiros.

**Robson Souza**ENTREVISTADOR: Os grileiros.

**INFRA**Lab  
ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Para as empresas.

ENTREVISTADOR: Empresas? O senhor lembra algum nome de empresa?  
I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Tem muito não é? Muitas.

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: Muitas empresas.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Muitas empresas.

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: E perdiam tudo?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, mas a maioria perdia porque não tinha assistência jurídica. E o companheiro sozinho... e ele achou que comigo ia melhorar, como de fato a gente sem experiência, logo, logo a gente adaptou não é? Acabei com, mas foi [em muitos casos \(ininteligível\)](#) em Montes Claros, eu fui para Belo Horizonte, para Brasília. A gente foi, como diz, assuntando. Viu que tinha essa lida não é? E aí nós enfrentamos. Foi na época que mataram o companheiro Elói [Ferreira da Silva](#) não é? Naquela época eu conseguia andar com o Elói. Ver o trabalho do Elói não é? A luta dele. Aí a gente foi tomando mais fé e mais coragem não é?

[Caroline Rodrigues](#)ENTREVISTADORA: O senhor se lembra de alguma situação, algum conflito que marcou a sua atuação no sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Conflitos?

[Caroline Rodrigues](#)ENTREVISTADORA: É, algum conflito?

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: Algum que foi mais importante, mais violento? Que o senhor se recorda?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve vários, não sei por onde eu vou começar.

[Robson Souza](#)ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Mas eu diria que um conflito aqui do outro lado do rio, Fazenda Bonança. Aí já o despejo já estava pronto para fazer como depois de amanhã não é? Então lá dentro do fórum, tinha gente que era amigo da gente. Informou, olha, vai ter um despejo depois

de amanhã. A Polícia vai para despejar todo mundo. Era mais de 50 famílias. E aí vocês tomam providência.

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Isso quando mais ou menos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Quando mais ou menos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi em 84 mais ou menos.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: 84.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, mais ou menos.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: E ia despejar a favor de quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: A favor de quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A favor de uma empresa lá não é?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: É empresa. Qual tipo de empresa?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Empresa rural não é? Empresa rural. É. E aí a gente ligou para Belo Horizonte. Na época a gente ligou para Belo Horizonte e pediu o número do processo, situação que estava. Quando a Polícia chegou lá com o oficial de justiça para fazer o despejo, já veio um despacho de lá e impediu. Impediu, chegou junto.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Quando você fala a gente enviou para Belo Horizonte, seria a FETAEMG?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: FETAEMG.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Ou a própria justiça? FETAEMG não é?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É a FETAEMG, é.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: E como que ocorria essa ajuda da FETAEMG para os sindicatos? Essa ajuda jurídica?

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A FETAEMG na época, naquela época ela lutou muito junto com os sindicatos, na organização dos sindicatos e também era um enfrentamento. Nós tínhamos um presidente lá, [elea gente](#) chamava ele de pelego. Mas era um pelego que vinha aqui ver o problema.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: FETAEMG hoje não passa, não vem nem em Montes Claros. A

diretoria. E foi entregue aqui em Montes Claros, aqui a FETAEMG de Montes Claros, eu sei falar isso, eu passei por isso. Uma máfia aqui em Montes Claros que acabou com o sindicato. Acabou com o sindicato. E em vez de caminhar, abandonou o trabalho e criou problema para os trabalhadores. Perseguiu diretores que estavam no caminho, [não né?](#) E feriu o sindicato, um assunto de negócios.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Uhum. E a gestão da FETAEMG aqui ajudava no caso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ajudava.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Seria a do André Montalvão?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: André Montalvão. Isso mesmo. Ele era chamado de pelego. Mas ele vinha aqui. Ele vinha, para chegar aqui em Januária, ele vinha de carro. Vinha aí. Hoje os últimos presidentes da FETAEMG vem de avião lá em Montes Claros, não pisa aqui. Entregou o sindicato para uma máfia que tinha aí em Montes Claros.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Agora [neisse início](#) do trabalho do senhor lá em 1983 por aí. O senhor soube por exemplo da participação de algum policial, algum juiz, algum delegado nessas violências contra os trabalhadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve vários. Eu não sei citar o nome.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: O senhor não lembra de nome?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, eu lembro de um delegado.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ahn?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Que ele quando precisou ir em Belo Horizonte.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ir na FETAEMG pegar um advogado e ir na Secretaria de Segurança Pública denunciar esse delegado.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Hum?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Porque tinha um conflito aqui na Fazenda Boi e tinha lá 12

pistoleiros. E mancharam as festas do povo. Até a festa de escola. Botando fogo nas casas de palha. Atirou até num companheiro nosso, pegou tiro no braço dele. Acontecia e na hora ele ia em Belo Horizonte.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E esse delegado acobertava?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Acobertava. Porque no dia lá ele não mandava uma intimação para lá. Mas falava, nós não vamos levar intimação porque eles falaram que a primeira intimação chegasse lá, que ele matava uma pessoa. O delegado não importava. Aí nós fomos com essa violência que houve lá, botar fogo em casa, atirar em gente. Nós fomos em Belo Horizonte. [Aí](#) a gente conversou com o secretário de segurança e depois que ouviu a gente e que deu a representação, foi feita na FETAEMG. Aí ele pegou o telefone na hora e ligou para cá, para nós ouvirmos. Falou Edmilson, o quê que está acontecendo aí em Januária?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: O delegado chamava Edmilson?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O secretário de segurança.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ah sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Falando [para o ele](#) delegado. Falou, é, não sei o quê, não sei o quê? Como quem que disse, não tem carro. Não, pega na prefeitura, pega no raio que o parta. Ele falou nervoso. O secretário. Eu quero resolver esse problema logo. [O que E](#) está acontecendo. Tem gente já acidentado de tiro. Tem casa queimada e você não está vendo isso aí não Edmilson?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Edmilson era o nome do delegado?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É o delegado.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quando eu chego aqui em Januária, tive que ir na delegacia resolver umas pendências e o delegado me chamou no canto. Você foi dar parte de mim não é? Eu falei, fui. Fui porque fui obrigado que o senhor não tomou providência. Ali eu já estava mais forte. Já tinha conversado com o secretário. Esse delegado saiu daqui, não demorou muito. Ele estava envolvido com negócio de, outros negócios não é?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E policial militar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Militar?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: O senhor lembra de algum?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve alguns aí, houve vários não é?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Por exemplo. Um chamado Cabo Nelson?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Cabo Nelson.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Lembra desse nome?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu lembro.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E o quê que o senhor pode falar para a gente sobre ele?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O Cabo Nelson ele era envolvido na perseguição dos trabalhadores, das empresas, os fazendeiros não é? Ele era tendencioso. Mas o que eu lembro mais é do Sargento Roni.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Roni?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Roni. Sargento Roni tinha 10 empregos em Januária.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quando o Doutor Afrânio saiu do sindicato, do movimento do sindicato aqui, o Doutor Afrânio foi para a Assessoria de Ação Social em Belo Horizonte, foi quando Tancredo Neves ganhou...



[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: O Afrânio Oliveira e Silva da FETAEMG?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, Doutor Afrânio ligou para nós. Vocês conhecem aí o Sargento Roni? Falei, conhecemos. Quem é ele? Eu falei, é um tremendo de um picareta. Porque ele persegue a gente. Eu fui um dia na delegacia, mas o companheiro que foi intimado na delegacia não é? Quando nós tínhamos que estar duas horas da tarde e o companheiro tinha cortado um arame do Doutor Roni e para poder sair que o Doutor Roni cercou ele e ele não podia sair. Ele cortou o arame para sair. E intimaram ele ainda. Nós achamos que eles estavam tudo ainda. Aí eu fui com o companheiro. Chegando na delegacia era umas duas horas, não tinha ninguém lá. Só

tinha funcionário lá. Aí entreguei a intimação e fiquei meia hora, meia hora não apareceu ninguém, que recusava a gente, eu falei, olha, nós vamos embora e nós fomos intimados para duas horas. A moça lá falou, não, espera aí. E chamaram, e eu pensei que era o delegado. Aí veio o Roni e eu já conhecia ele. O Roni, Ssaiu, falou, quem é José Vicente aí? É eu aqui, é eu. Não é? O senhor está precisando de ser preso e apanhar. Eu fiquei assuntando ali. Porque o senhor cortou o arame do Doutor (ininteligível), porque você fez isso, você fez aquilo, isso é crime e não sei o quê. Eu falei, faz o favor. O senhor convidou ele para fazer esclarecimentos. O senhor está intimidando o rapaz. O senhor está intimidando o rapaz. Ele falou assim, olha, você manda lá no sindicato, aqui quem manda é eu. Eu falei, pois é, mas o senhor cumpre é lei. A lei não manda intimidar os outros não. Aí eu já estava com um pouco de coragem não é?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aí ele, eu falei, Senhor Vicente, vamos embora, vamos embora. Larguei ele lá conversando. E no outro dia, ele encontra com o companheiro Noé que era o presidente. Eu era secretário. Encontrou ele na rua e ele falou, o rapaz mas ontem eu tive uma discussão com o seu companheiro, eu não sabia que era do sindicato, Não é? Manoel falou assim, você sabia tanto que o senhor falou para ele que ele mandava no sindicato e você mandava lá. Ele falou, é, eu estou com você até aqui ó. Noé já estava, Noé já estava em 84, em 84 nós já estávamos falando lá não é? É um dos casos que eu tinha que contar. E tem vários outros. Fazenda [Casa de Telhas](#) (ininteligível), 40 jagunços armados. Atirando lá, matando os animais, cortando arame.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E entre esses jagunços, o senhor sabe ou pelo menos falava à época se tinha algum policial envolvido ou não?

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S  
ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não. Nesse [Ccasae](#) da [Itelha](#) não.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Não?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não. Tinha não. Mas eles eram omissos não é?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Então tinha trabalhador. Tem caso também que estava na justiça, assunto trabalhista. O cara aqui da Marinha, eu não guardei nome do cara lá da Marinha que mandou chamar o presidente para retirar ação na justiça contra o fazendeiro não é? O cara

trabalhou 30 anos na fazenda e ele mandou embora sem direito nenhum. E entrou na justiça que não houve acordo. O tenente da Marinha mandou chamar e foi junto com o prefeito, Senhor João Grimer que tinha aqui e tem aí para poder tirar a ação da justiça. Não, não tiro está lá, o juiz está lá. O juiz decida. Eles intrometiam em tudo.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Esses, essas ações contra o Roni e esse sujeito da Marinha, o Nelson, existe algum documento, por exemplo, do sindicato cobrando providências sobre a ação que eles estavam fazendo? O senhor sabe, isso foi documentado de alguma forma?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Olha [deu](#) cópia de representação, ficou tudo no sindicato.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Se tiver está no sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Se tiver está no sindicato. Eu acho difícil você encontrar lá.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Mas na época foi feita?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi feito, é. [Ee](#) nós acompanhamos.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve outros problemas não sabe? Foi, as coisas foram melhorando. Mas -a questão da delegacia, presídio, quando eu saí do sindicato, ele já estava no centro de defesa de direitos humanos. Eu passei a visitar o presídio toda sexta-feira. Lá eu encontrei, eu encontrei pessoas presas, não era para estar lá. Fiz relatório, fui no cartório.

Levantei. Fui no juiz, no promotor. Tirou uns, foi para a Apac. Os outros voltaram porque não era para estar lá. Lá tinha gente queimado.

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Qual que era a prisão que o senhor ia?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Qual que é essa prisão?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aqui de Januária.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ah, prisão daqui de Januária?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Januária.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E aqui também tem uma Apac?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Tem.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Alguns foram para a Apac?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Apac já é mais nova.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Mas já, aí eu consegui através de denúncia não é? Cobrança de juiz, cobre do juiz, corregedor. Cobre do promotor de justiça para ver aquela situação. Fui nos advogados, que tinha gente que tinha advogado, não ia lá, tinha outro advogado e não ia lá. Pobre lá na cadeia não é?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sim.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aí nós que estávamos indo lá. Aí fui lá no advogado do presídio. Falei com ele, Doutor Fábio. Ele falou, não sou advogado de ninguém lá não, eu sou advogado é do presídio. Eu falei, não, mas o senhor não é advogado de fulano, beltrano, citei os nomes e tudo. Ele falou, não. Não sou advogado dele não. Aí eu fui no promotor e denunciei ele. Fui no juiz, fiz relatório, citei o nome, citei, relatei e passei. Denunciei ele lá não é? Mas lá tinha gente queimada, tinha ~~Tinha~~ olha, um bico de gás, sabe? Aquele negócio de gás. Lá dentro do presídio.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Mas isso já é mais recentemente agora?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi. Muita já foi agora. 10 anos pra cá.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: 10 anos pra cá. Agora voltando lá um pouco naquela década de 80 por aí. sobre por exemplo a Ruralminas. O quê que o senhor tem a nos dizer da Ruralminas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Ruralminas?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: É.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Ruralminas justamente nesse caso, (ininteligível) [da Ceesa](#) de [Telhas](#).

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E outras e outras. A Ruralminas ela é terra devoluta não é? Tanto

que é que a Ruralminas, os posseiros lá fizeram requerimento, pagou as taxas de medição, taxa de requerimento tudo. E a Ruralminas tomou conta disso. É. A Ruralminas ia lá no Xacriabá, dedurava terra para [grileiro índio](#) lá dentro do Xacriabás. Fazia isso tudo, fazendo isso tudo não é? E aí essa casa de telha aconteceu o seguinte, quando começou o conflito lá, a gente foi em Belo Horizonte com aqueles recibos de medição de terra, de tudo. A Ruralminas pediu 15 dias para vir aqui resolver o negócio. Até ontem não ouvi falar que eles vieram. Isso tem mais de 10 anos.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ou seja, o senhor está dizendo que a Ruralminas ela atuava contra os trabalhadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, contra.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E beneficiava os grileiros, os fazendeiros, as empresas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Isso.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E inclusive em relação a Xacriabás, desapropriava terra para entregar a fazendeiros?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: ~~Na abertura~~ dos fazendeiros foi e entrou lá dentro do Xacriabás.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Com o título dado pela Ruralminas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Pela Ruralminas, é, a Ruralminas, é.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: O senhor lembra de pessoas ligadas à Ruralminas naquela época?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não, aquele pessoal ficava tudo em Belo Horizonte.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Só vinha aqui?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, só vinha aqui.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E como que era? Eles chegavam aqui e o grileiro por exemplo já ia no cartório e registrava a terra? Como é que isso funciona?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, porque aquela terra ela era terra devoluta.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sim.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Era terra que só o Estado podia legitimar.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Isso.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E legitimar tinha que ser em nome daqueles que estão lá na terra.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Isso.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não é?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Mas quando ele passava por exemplo para um grileiro? Como é que fazia isso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O grileiro interessava naquela terra.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ia na Ruralminas.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ah.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, ia na Ruralminas, a Ruralminas pegava e começava a fazer.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Demarcava?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Demarcava e aí começava o conflito.  
I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Do grileiro, mandava pistoleiro para lá para correr com os, perseguir e tal. E aquela terra já estava, como diz, em nome e quando não estava em nome dos requerida, ela tinha gente lá na terra, morando lá na terra já, uai. E tinha que ser titular em nome daqueles que estavam lá, uai.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Inclusive Xacriabás?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Inclusive Xacriabás.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E muitos agricultores familiares. Tinha os pedacinhos de terra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, tinha.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E de repente aparecia alguém com uma ordem judicial mandando as pessoas

saírem? Ou nem tinha ordem judicial?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ainda não chegou a judicial porque judicial só pode fazer despejo, dar ordem quando a terra tem documento.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A terra era do Estado.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E como é que esses grileiros faziam para expulsar esse pessoal?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Olha, ~~por exemplos outros (ininteligível) até~~ a [\[Fazenda\] Casacada](#) de telhas, a casa de telhas, essa terra era devoluta e o pretendente que ~~era do~~ Grupo Epa de Belo Horizonte interessou na terra para fazer carvão. Eles tinham terra. Doutor José Luiz, terra na Fazenda Flexeira, Gibão. Muito distante, nem limitava com essa. Entendeu? Você sabe em Fazenda Geral, você sabe não é?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Hum?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Fazenda Geral tem várias propriedades lá dentro ficava na fazenda. Então eles tinham documentos dentro daquela fazenda e interessava, tomava o restante da terra. Aquele restante tinha muito proprietário lá dentro, posseiros. Entendeu? Ele interessava em tomar a terra.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E aí por exemplo, no caso [desse do](#) Grupo Epa, eles conseguiram uma gleba grande através de titulação da Ruralminas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Não?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Ruralminas estava requerida para os posseiros.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ah entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eles tinham em outra fazenda uma grande área de terra. Mas interessou nessa área aqui e ela era devoluta.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E aí conseguiram?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não conseguiram não. Aí nós fomos, nos fomos lá e hoje [orientamos estão](#) os

posseiros para não entregar a terra, entregassem não. Aí o pessoal colocou um vigia lá, os vigias lá e começaram a incomodar uns posseiros, é. Os posseiros pegaram esse vigia, foram lá em um caminhão, pegaram os apetrechos deles, fizeram despejar aqui na porta da delegacia. Eles já estavam com requerimento da terra não é? Da Ruralminas, eles, aí, chegou aí o delegado não aceitou colocar aquelas coisas na porta da delegacia, mandou despejar lá na casa do grileiro não é? O grileiro no caso era firma não é? Na casa do vigia, que estava a serviço do grileiro. Imediato, ele já conseguiu 40 jagunços armados e como não chegou a vira [reda dem](#) gente, mas matou os animais. Matou os animais, cortou os arames.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: O senhor sabe que ano que foi isso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: ahn?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: O ano que foi isso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi mais ou menos, mais ou menos em 89, 90 por aí.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Mas esse conflito da casa das telhas, era anterior não é?  
Da década de 80?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hum?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Era anterior não é?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Não é? Os conflitos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, até então não. Até então a casa de telhas, o pessoal que trabalhava lá tinha requerido mas a Ruralminas não fez nada não é?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ficava lá, ficava lá. Aí é que quando o grileiro interessado na terra, começou o conflito.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Mas só para esclarecer. Noutros casos a Ruralminas foi a favor dos grileiros. Nesse caso não foi porque os posseiros já tinha requerido.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Já tinham.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Mas noutros casos a Ruralminas atuou a favor dos grileiros?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Dos grileiros. É.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Ela atuou é, porque os posseiros já tinham requerido a terra, ou porque até 89, o Grupo Epa ou, um grileiro não requereu? Não fez requerimento da terra? Ou seja, até 89 que a apareceu o interesse empresarial nessa terra e aí sim a Ruralminas tomou posição?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Ruralminas quieta (ininteligível), não é?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Até então ela foi omissa com o requerimento dos posseiros não é?



ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi. Já tinha cobrado as taxas de emissão medição e tinha cobrado as taxas de medição (ininteligível) e não fizeram nada.

Caroline Rodrigues ENTREVISTADORA: As terras não foram medidas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não foram medidas.

Caroline Rodrigues ENTREVISTADORA: O processo ficou parado?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Nada, nada.

Caroline Rodrigues ENTREVISTADORA: Aí quando apareceu o interesse empresarial ela deu?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É. Aí ela ficou fora porque não dava para entrar mais não é?

Robson Souza ENTREVISTADOR: Hum, entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Nós é que fomos em Belo Horizonte, cobrar da Ruralminas não é? Solução.

Caroline Rodrigues ENTREVISTADORA: E o senhor se lembra de outra situação até 88, de outros conflitos? Nós sabemos que são vários, principalmente aqui em Januária.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

Caroline Rodrigues ENTREVISTADORA: Mas outras situações talvez de ameaça? Assassinato? O senhor poderia nos contar. A gente está aqui para ouvir mesmo.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aham. É, tem um caso em Xacriabás não é? Que eu falei aqui, também foi da Ruralminas titulando terra dentro da reserva, para ver que absurdo não é? Dentro da reserva. Os grileiros começaram a entrar lá e a Ruralminas como ali é terra pública, mas não podia fazer titulação. Aquilo é Reserva Xacriabás.

Caroline Rodrigues ENTREVISTADORA: E como que o senhor acompanhou esse conflito? O senhor atuava em prol dos Xacriabás?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, porque o Xacriabás é o seguinte.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Na época antes de nós criarmos o sindicato de Itacarambi, nós tínhamos muitos sócios lá dentro do Xacriabás, nós tínhamos um trabalho junto com a igreja, com a igreja e uns projetos lá dentro da reserva não é? Projeto lá com a FUNAI e tal e tal e nós nos associamos para fazer um trabalho junto lá. Dentro da reserva.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: No dia, no dia que já estava tudo descontrolado lá dentro.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Você já viu Rosalino que foi massacrado? Ele era o sub-cacique não é? Então ele liderou um grupo do Xacriabás para não deixar os grileiros entrar lá. E agora o cacique, o Rodrigão que é o cacique, fez vista grossa. E os grileiros foram entrando, achou força no Rodrigão. O prefeito de Itacarambi tirou terra lá dentro também e aí começou a briga entre Xacriabás, é. Chegou a um ponto que houve mortes lá, e no dia do acontecido, eu sem saber de nada. Eu mais o Pedro Eugênio que era da igreja não é? Ia comigo lá?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Igreja de ea Januária?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, lá no Xacriabás. Ele era aqui de Januária, é. Aí nós fomos para uma reunião que tinha lá numa comunidade de Sumaré. Nós já estávamos lá, a Ruralminas, Prefeitura da Itacarambi e mais os grileiros lá tudo na reunião com o povo que tinha saído de lá de dentro. A rivalidade entre eles. Eles conseguiram dividir o povo não é? Aí nós chegamos na reunião e colocamos nossa posição. Que era a favor da união dos Xacriabás e não deixar gente de fora

entrar lá, contrariando eles tudo não é? Nós estávamos em um barril de pólvora e não sabia. Nós não sabia, mas não a ponto de matar gente. Naquela noite nós ia dormir na casa do Rosalino. Para no outro dia, nós ir lá para a Funai ver origem projetos da igreja não é? E chegando já era à tardinha, chegando a uma encruzilhada, o meu companheiro, o Pedro Eugênio falou, não, não vamos passar lá não. Vamos passar lá na casa de Rosalino não porque já estava tarde. Nós vamos direto para a Funai. Naquela noite, ele matou, se nós tivéssemos lá, nós tinha entrado também no filme ea. Matou o Rosalino, matou o vizinho. Matou mais um cara que estava lá dentro da casa dele e foi uma chacina. Nós ia dormir lá naquela noite.

**INFRALab**  
IDEIAS E INOVAÇÕES

ENTREVISTADOR: Quem foram os matadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É um grupo de pistoleiros. Era um grupo do Senhor Amaro. O Senhor Amaro conseguiu um grupo lá de Itacarambi. Pessoas já pistoleiros, mesmo não é? Aí foi quando houve essa violência lá, é que veio a Polícia Federal e expulsou os grileiros de lá e Rosalino já tinha morrido mesmo, mas pelo menos botou ordem lá na casa não é? E aí os companheiros que estavam do lado de Rosalino, ficaram lá. E nós estávamos trabalhando lá dentro também. E corremos um risco danado não é?

Robson Souza ENTREVISTADOR: É. O senhor lembra assim de caso por exemplo de mortes de trabalhador rural e sabe por exemplo na época era falado quem era os mandantes. O senhor tem caso assim, o senhor sabe, acompanha assim bem de perto?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não porque quando a gente sabe, quando a gente sabia já tinha acontecido e faz tempo, a gente.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Então nesse período, principalmente ali da década de 80, até lá para 88, 89?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Morte mesmo o senhor não lembra de casos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve duas mortes lá dentro do Xacriabás.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve morte lá, lá dentro. E houve outras mortes assim, distintamente assim. Mas a gente sabe que foi pessoas que pagou para fazer mas não sabe quem

fez, nem quem pagou. Isso aconteceu muito.

Robson Souza ENTREVISTADOR: E expropriações nesse período?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

Robson Souza ENTREVISTADOR: Expropriações de terras?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve muitas. Tem a Fazenda Boi, a maior fazenda do Estado de Minas Gerais. E Januária era o maior município. E essa fazenda era a maior fazenda geral. Tinha 186 posseiros lá dentro não é? A Ç Õ E S

Robson Souza ENTREVISTADOR: Famílias de posseiros ou número total?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Famílias.

Robson Souza ENTREVISTADOR: 186 famílias?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Famílias. Nós cadastramos. Eu com o grupo da Pastoral da Terra, fizemos um cadastro. Não é? Aí foi a época em Belo Horizonte houve uma reunião de todos os conflitos, terra de conflitos. E nós chegamos lá, tinha gente demais. Lá no Incra, é no Incra. Eles foram nos atender à tarde. No auditório grande lá. E aí falou, Januária, tem alguém de Januária aí? Tem. Nós levamos 12 companheiros lá da área lá. Levamos 12 companheiros. Inclusive um vereador lá da região lá nós levamos. Lá da região lá, de São Francisco não é? O Elói Barum, era vereador naquela época, depois foi prefeito. Aí ele falou, tu é de Januária? Não tem terra para reforma agrária não. E não tem ninguém na terra também não. a Aí nós levantamos, protestamos. Aqui olha, 186 cadastros, cadastrados. E lá a área da terra lá, é a maior fazenda do Estado de Minas Gerais, como é que não tem terra lá? Como é que 186 pessoas mora lá na terra? Aí o cara, então esse assunto, como é que o senhor sabe disso não é? Ele falou assim, não é porque o Incra já mandou as pessoas lá olhar. Os caras, o pessoal do Incra tinha muitos malandros também n. Nesse meio. Foram lá na Chapada Gaúcha, a gauchada mandou eles voltar e foi contar piada lá em Belo Horizonte. Aí a coisa virou não é? Mas mesmo depois disso, um cara lá de São Paulo, chamado Benedito Muritiba, pegou pistoleiro de São Paulo e juntou mais outros bandidos lá da região e formou um grupo de 12, atirando em gente, pondo fogo em casa, coisa e tal. A história do delegado que eu contei. Mas não contei tudo. E aí eu vou, diante dessa situação, a gente em Belo Horizonte como eu falei. Eu falei com o secretário tudo mais, eles continuou lá, bagunçando lá não é?

E o Delegado apoiando. Aí eu fui na Roseli, não é? Da Vilmar. Mas teve outra pessoa que eu não me lembro. Ia nós três, pelo menos eu sei. Chegamos na Fazenda Boi na casa do Senhor Nelson, na casa do Senhor Nelson. O portador chegou, tinha umas 80 pessoas já para a reunião não é? Para a reunião. O portador chegou. Falou, olha, você sai quanto, porque os pistoleiros vem ali. Aí o pessoal olha, a maioria correu porque já estava com medo não é? Da violência. E

nós não podia deixar o dono da casa sozinho e outras pessoas que ficaram junto com nós também. Não, então se vocês não correrem, nós também não corremos não. é, os pistoleiros lá.

Aí escutamos as zoadas (ininteligível) do carro ali, parou perto assim e quietou. Era duas horas, nós ficamos até 05 horas. Nós tivemos que vir embora, é longe. Eles não chegaram lá não. Acho que eles acharam que nós íamos resistir, porque nós não corremos. Nós íamos dialogar com eles. Nós não tínhamos armas, nada. Íamos dialogar com eles, tentar dialogar com eles. Mas eles não chegaram lá não.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Mas nesse caso, o quê que aconteceu então? Tinha 180 pessoas, não eram famílias. 180 pessoas lá na fazenda.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: De famílias.

Robson Souza ENTREVISTADOR: De famílias.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

Robson Souza ENTREVISTADOR: E esse pessoal acabou sendo todo expulso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, dessa vez não.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Eles não foram? Quando conseguiram ser assentados?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É. Aí quando eles fizeram essa, aí eles invadiram uma unidade lá, atirou em gente, pôs fogo em casa e nós fomos indo no delegado, o delegado não deu conta. Fomos em Belo Horizonte. Aí quando aconteceu isso a gente também fez uma denúncia local, estadual e federal. Aí a Polícia foi lá. O secretário mandou policial lá e correu com eles.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Com os pistoleiros?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Com os pistoleiros. E disso tudo, sobrou para mim um processo. Porque eu escrevia no jornal, um jornal aqui, nós tinha um jornal aqui muito bom. Chamava Folha de Januária. E eu denunciava isso tudo no jornal. Para o povo tomar conhecimento não é? Do quê

que estava acontecendo. Aí eu recebi oficial de justiça dizendo que eu tinha que comparecer no dia 23 de outubro de 92, ou 93, por aí. Para responder sobre calúnia e difamação. É, calúnia e

difamação. Aí eu procurei um advogado, o advogado da FETAEMG, não estava aí, não podia ir nesse dia comigo. Eu procurei advogado que era amigo meu, ele era uma pessoa, muito ligado assim com a gente. Ele falou, eu não vou, nem você leva outro. Não. Vai sozinho. Vai, e conta a história igual você sabe conversar. Você responde as perguntas do juiz então. Então eu vou uai. Aí quando eu subi a escada do andar superior lá, que era a audiência lá. Que eu cheguei lá, estava lá o advogado que andava me perseguindo, apoiava os grileiros, os pistoleiros aqui de Januária. Doutor William. Eu já havia denunciado ele na OAB, ele morria de raiva de mim, é. Estava ele lá e o Itiba (ininteligível), o chefe dos pistoleiros lá, que eu tinha denunciado. Aí o juiz me perguntou, o senhor é Antônio Inácio Correia? Eu disse, sou eu. O senhor, cadê seu advogado? Eu falei, não tenho. Então tá. Quando eu subi a escada eu falei, está escrito. Não preocupa o que vai falar, minhas são as palavras. Meu advogado é Jesus Cristo. Me deu uma força que você nem imagina. Me perguntou, o senhor eh autor da matéria tal, assim, assim, assim? Sou! Aí o juiz parece que ficou com dó de mim, falou assim. Senhor Antônio, sem advogado, sem nada, eles ficaram me arrochando lá. O senhor quer retificar o que o senhor falou ali no jornal? Eu falei, não senhor, tem mais coisa para colocar. Tem mais coisa para colocar. Aí o juiz espantou. Falou, o senhor não quer retificar, não tem advogado nem nada? Que homem teimoso é esse não é? Falou assim, e aí doutor? Pergunta ele em nome de quem ele está falando. Fazendo isso tudo. Perguntou. Eu falei, em nome do sindicato. Se eu fosse falar que ela em nome meu, eu estava criando um caso particular não é? E não do sindicato. O senhor era do sindicato? Sou. Eu já era presidente. Eu sou presidente do sindicato. E que destino, que prova o senhor tem disso aqui? As provas que eu vou lá, que o povo vai lá no sindicato pedir providência e eu vou lá ver e vejo o povo denunciando. Aí o juiz falou, e aí doutor? Nada. Falou nada. Diante não é? O senhor tem provas Senhor Antônio? Tenho. Tenho provas. Mas nem me pediu as provas, só me olhou falar assim, nem pediu prova. Aí ele falou, o senhor assina o depoimento aqui? Assino. Mandaram bater lá, bateram lá e eu li, estava certinho, assinei. Ele mandou o advogado assinar. Mandou o pistoleiro assinar e ele assinou embaixo e me deu a mão. Quando eu vou descendo a escada lá do fórum, um escrivão que era meu amigo, falou, você ainda está vivo? Eu falei, bem vivo. Eu achei que você ia sair daqui algemado. E você ainda foi sem advogado? Fui, eu deferi meu advogado, que anda comigo não é? E aí até ontem não mexeram mais nisso, não falaram mais nisso.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: E sobre a atuação na Folha de Januária, o senhor lembra de alguma outra ameaça na década de 80?

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S  
ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O quê?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Alguma ameaça? Perseguição ao sindicato? Ao tal que você escreveu na Folha?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ah, houve muita perseguição na Folha. Sim. Mas os companheiros lá da folha, era tudo gente boa. Era um grupo de gente boa que segurava as pontas. Eu também nesse dia do juiz, em que eu fui no juiz, ele achou que eu ia dizer, não, era que o cara aumentou. Eu falei, não doutor, tem mais coisa para por aí, é. Tem mais coisa para pro aí, é. Também nós segurava a barra um do outro não é? É.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: E sobre a atuação do Incra? O quê que o senhor se lembra da atuação do Incra nesses conflitos de terra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu lembro.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: De algum agente do Incra ou a atuação do Incra em alguma fazenda? O senhor se lembra de algo que marcou a sua atuação no sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ih, tem várias, muitas.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Qual a sua percepção sobre o Incra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ahn?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Como que o Incra era percebido?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ah, o Incra. Ah o Incra meu Deus do Céu. ~~deu~~ (ininteligível). Eu te contei a história da Fazenda Boi? Que eles vieram na Chapada Gaúcha, voltaram de lá e foram falar lá que não tinha terra e nem gente. E ainda fomos lá e provamos o contrário. Essa foi uma não é? Aqui na Fazenda, é, Fazendo do outro lado do rio. Esqueci o nome da fazenda moço, (ininteligível), é, aí era 9.000 hectares de terra, de terra boa.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: O que aconteceu lá?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Lá aconteceu o seguinte, que os posseiros lá estavam lá resistindo

lá, mas houve o fazendeiro pediu uma investigação da terra não é? Para ver se a terra era produtiva ou não. Ele não era produtiva. Mas o quê que aconteceu? Ele reuniu os fazendeiros da região, jogou o gado tudo lá dentro. Quando o pessoal do Inca veio novamente, estava a fazenda toda cheia de gado. Aí provou que a terra é produtiva sem nenhum cultivo. Provou. Aí foi que os posseiros foram saindo, saindo. Aí ficou por isso mesmo.

Robson Souza ENTREVISTADOR: E fazendeiros aqui na região?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

Robson Souza ENTREVISTADOR: Fazendeiros. O senhor lembra de algum que era, assim, tinha o apoio da Polícia? Fazia o que queria? Mandava matar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eles tudo, eles tudo. Eles tinham poder da Polícia, ainda mais no tempo da ditadura.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Como é que era esse apoio, eles, mandava o policial fazer uma coisa e os policiais faziam?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Que antes o sindicato estava engatinhando ainda, eles delegado mandava intimidar, (ininteligível) ameaçavam o cara, o cara abandonava.

Robson Souza ENTREVISTADOR: O fazendeiro?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, o fazendeiro vinha na delegacia, o delegado mandava chamar os caras lá e mandava sair, eles saíam.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Ou seja, o policial obedecia era o fazendeiro?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Era o fazendeiro. A culpa aí. Havia alguns policiais tendenciosos. Tendenciosos.

Robson Souza ENTREVISTADOR: O senhor acha que no período da ditadura a situação ficou pior?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

Robson Souza ENTREVISTADOR: No período da ditadura a situação ficou pior para os trabalhadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Muito, muito.



[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E por que?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É porque a ditadura chegou, o golpe militar foi num sentido de botar ordem no país não é? Mas o que ele fez foi o seguinte, apoiou os corruptos. Os donos das grandes fazendas. Apoiou, passaram tudo para lá e eles foram perseguir foi sindicato, foi trabalhador, não é? Perseguir foi (ininteligível). Então hoje eu estou aqui no youtube, então vêm pedindo intervenção. Eu dou minha opinião. Vocês não viveram a época do golpe militar. É, intervenção não vai acabar com corrupção. Vai apoiar os corruptos e eles vão ficar amparados e nós é que vamos cair no pau igual [em](#) 64. E eu coloco, eu coloquei vários pontos de vista aqui.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Debatendo no youtube e também em qualquer lugar que a gente vai encontrar qualquer pessoa que está pedindo.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Antes de 83 que o senhor trabalhava, começou a militar no sindicato, o senhor era um pequeno proprietário rural?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Pequeno proprietário.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E nessa fase anterior, o senhor não se envolvia com nada?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não porque eu vivia sabe? Eu vivia aqui de ir em [Buritisonite](#) de Minas para Formoso. Eu morei lá perto de Formoso.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E era tropeiro.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A gente não tinha estrada, não tinha carro, não tinha nada. Você não via, você ouvia o rádio, mas o rádio não falava nada. Televisão não tinha, não é? Sindicato não tinha, você não sabia de nada. Você não lia jornal.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Porque o senhor já pegou o período final da ditadura não é? No sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Dentro do sindicato foi.

Robson SouzaENTREVISTADOR: E mesmo assim, o senhor acha que foi um período de muita violência com os trabalhadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi muito violento.

Robson SouzaENTREVISTADOR: O senhor sabe, por exemplo, de alguma ordem que veio de Brasília ou do Governo do Estado para perseguir trabalhador, para fechar sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não porque eu não cheguei a acontecer não é? O sindicato aqui era ainda muito fraco, era só perseguidos. Os trabalhos perseguidos, o sindicato perseguidos, o dirigente sindical perseguido. Não é? Quando havia um congresso, um seminário, uma coisa que saía, a Polícia chegava lá.

Robson SouzaENTREVISTADOR: E fazia o quê?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Chegava perguntando, vocês vão nesse seminário? Nesse congresso? Vamos. Quantas pessoas? Quem é que vai? Vocês vão tratar lá de quê? Era encomendado da cúpula, isso ia lá encomendado. Da cúpula.

Robson SouzaENTREVISTADOR: Esse encontro que o senhor falou que teve lá em Belo Horizonte, por causa daquela fazenda que tinha tanta gente, foi em que ano? O senhor lembra mais ou menos? Aquele do Incra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Do Incra? Foi mais ou menos em 60, 84, 85.

Robson SouzaENTREVISTADOR: E nesse encontro a FETAEMG estava presente, tem documentação sobre esse encontro? O quê que foi discutido nele, porque nós não temos registro desse encontro.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Pois é.

Robson SouzaENTREVISTADOR: Ele aconteceu na sede do Incra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Na sede do Incra.

Robson SouzaENTREVISTADOR: E tinha trabalhadores rurais de Minas Gerais inteira?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E estava discutindo problema das posses, da titulação?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Das posses, é.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: O senhor lembra qual prédio que foi lá em Belo Horizonte?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Parece que foi na Afonso Pena, não é?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Na Afonso Pena.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: No próprio Incra não é?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: No Incra mesmo?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: No Incra mesmo.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E no ano de 84?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, 84, 85.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ou 85.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Nessa faixa.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E foi o encontro do dia inteiro com gente de Minas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi, muita gente, muita gente. Quando chegou Januária estava de tarde. De tarde que chamou Januária.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Antes ou depois da morte do Elói [\[Ferreira da Silva\]](#)?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi depois.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Depois não é?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi depois da morte do Elói. Elói era um companheiro que fez muita falta viu? Era um homem de personalidade, abraçava a luta.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ele ajudou na organização dos sindicatos da região toda aqui?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, onde tinha conflito.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ele estava?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não você fala, El [oyéi](#)?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: El [oyéi](#).

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É onde tinha conflito ele estava. Às vezes ele tinha os problemas aqui no Rio Pardo, do lado de Januária, ele tomava –a frente. Mandava avisar a gente, olha, vamos encontrar lá tal dia para ver os problemas. Que ele ficava mais perto de São Francisco e o povo ia lá em São Francisco para pedir providências. Ele mandava avisar nós que ele ia também.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E sobre o Sa [n](#)luzinho, o senhor sabe de alguma história?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, o Sa [n](#)luzinho já foi, eu entrei depois de Sa [n](#)luzinho.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Isso.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: O senhor só sabe de história?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: De história.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Conviveu com alguém que conviveu com ele?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quem sabe essa história muito bem, é o Professor Eduardo Ribeiro.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Uhum.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: O senhor mencionou bem no começo da conversa nossa, uma intervenção militar no sindicato. Intervenções no sindicato. Como que isso acontecia?

O senhor se lembra? De alguma intervenção na organização do sindicato, direção, eleições?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É assim como eu te falei, que até ação trabalhista, um cara da Marinha, impunha, tirar, retirar. O quê que Marinha tinha a ver com ação trabalhista?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Marinha porque aqui todos os locais que tinham portos, tinham representante da capitania dos portos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, isso mesmo.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Então quem atuava aqui mais os militares era o pessoal das capitâncias dos portos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Dos portos, é.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E eles iam?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ahn?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Eles iam nos sindicatos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E intimava a gente a comparecer na reunião deles.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E nessas reuniões tratava de que?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Tratava de retirada de queixa, de muitas vezes até de, intervenção não é? Por exemplo, ~~(ininteligível)~~ lá eles falavam, e ameaçavam dizendo que para a gente não agir dentro daquela fazenda. Não criar problema lá, os trabalhadores estavam sossegados lá e tal não é? Eu me lembro de uma história que o, a história do Doutor, aquele que era presidente da Região Militar de Minas Gerais, como quea chama ele, ele é daqui dessa região aqui. Ele tem uma fazenda, ele tem uma fazenda muito grande aqui. Para os lados, não mora ninguém. Ele é dono disso tudo. E ele arrendou essa fazenda aí para outro, a firma de Belo Horizonte e botou muito gado. E o gado deu para comer a roça dos trabalhadores ali não é? Ali no rio. O povo

plantava nas índias não é? É, e aí eu fui a Belo Horizonte conversar com ele. O nome dele é, como é que eu me esqueci rapaz?

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S  
[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Coronel?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Coronel Laurentino [Lopes](#) (~~ininteligível~~).

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: É?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Coronel Laurentino [Lopes](#) (~~ininteligível~~). É. Eu fui no gabinete dele lá em Belo Horizonte. Ele era, ele ainda era presidente da Região Militar.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Comandante da Região Militar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, Militar, da Justiça Militar.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Ah tá.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Um negócio assim. Aí eu fui lá no gabinete dele, um era advogado da FETAEMG. É, chegando lá eu falei para ele que o gado da fazenda dele estava comendo a roça dos trabalhadores. Ele falou, não, eu não tenho gado nada. Não, o gado está na sua fazenda. Não, aquilo lá eu arrendei lá, eu não tenho nada com isso lá. Eu digo, mas como é que o senhor arrenda lá? E quem vai pagar esse prejuízo? Ele falou, olha, sabe de uma? Eu vou resolver esse negócio. Mas tem uma coisa, os senhores não metem o bico lá na Fazenda Picos não. A Fazenda Picos estava a mais de 100 quilômetros, não tem nada a ver com a fazenda dele. Não sei o que ele estava sendo incomodado lá. Você vê que ele estava afinado com os.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E estava acontecendo alguma coisa na Fazenda Picos nessa época?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Era conflito, Fazenda Picos também foi um conflito.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi. E estava tendo conflito nessa época?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Estava.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E a Fazenda Picos era de quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Fazenda Picos?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: É

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Olha moço, a Fazenda Picos era umas terras de ausente. E morava lá 68 famílias não é? Aí a firma de reflorestamento e carvoeiros, esse povo, estava interessado em tomar lá não é? Aí venderam as terras lá, para um tal de Francisco Ubirajara Pimenta. É, venderam essa fazenda lá e esse grupo aí, já estava incomodando o Coronel.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Laurentino?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Laurentino é, estava incomodando.